

Utopia e diáspora moçambicana: um estudo da poesia de Virgílio de Lemos

Prof. Dr. Idemburgo Frazão¹ (UNIGRANRIO)

Resumo:

Vivendo por muitas décadas distante de seu país de origem, Moçambique, viajando e mantendo contato com intelectuais e artistas de diversas partes do mundo, o poeta e jornalista Virgílio de Lemos criou um estilo peculiar, que se enraíza na utopia. Tal utopia é o elemento identitário que, como se pode perceber em seus poemas, o mantém simultaneamente, moçambicano e cidadão do mundo. O presente trabalho intenta, através do estudo de alguns de seus “diaspóricos” poemas, refletir sobre a problemática da diáspora e da alteridade no mundo contemporâneo, a partir de pensamentos de autores como Stuart Hall e Zygmunt Bauman, sem deixar de abordar outras temáticas recorrentes da obra do poeta, como a sensualidade.

Palavras-chave: Diáspora; Virgílio de Lemos, Moçambique, identidades, utopia.

1 Introdução

*Entre a realidade e o sonho
a alma escolhe
a última ilusão (Lisboa, Oculto
amor, Virgílio de Lemos)*

A trajetória biográfica e bibliográfica do poeta Virgílio de Lemos se assemelha à de inúmeros autores, de diversas disciplinas e linguagens artísticas, na contemporaneidade, no que diz respeito ao que Stuart Hall denomina Diáspora. Termo que remonta às milenares civilizações, como a judaica, marcante na história das religiões ocidentais, fundada na busca da terra prometida. Na contemporaneidade, a diáspora se relaciona à “transferência”, à passagem de alguém - geralmente grupos de mesma etnia, religião e/ou pensamento político -, de um “lócus” para outro. A questão das origens está no bojo dessas discussões que apontam para a problemática da identidades.

Como exemplo do que aqui se afirma sobre os diversos autores que embarcaram na viagem diaspórica está polonês Zygmunt Bauman. Já bastante conhecido, o problema pelo qual passou esse sociólogo em relação à sua identidade, pode confirmar e ampliar a importância da problemática identitária na obra do poeta moçambicano. Bauman teve dificuldades em resolver um sério impasse ao ter que escolher o hino que deveria ser executado no momento em que receberia certa homenagem. Embora polonês, o sociólogo já havia se radicado na Inglaterra, país que o acolhera em seu exílio. A resolução efetiva do problema, ao final, responde a essas perguntas, deixando claro que houve mudanças radicais em relação ao entendimento da noção de identidade por parte dos atores sociais contemporâneos em relação à visada tradicional. A esposa de Bauman sugeriu que o hino a

ser executado fosse o da Europa.

O presente trabalho intenta, através do estudo de alguns poemas de Virgílio de Lemos, refletir sobre a problemática da identidade e diáspora no mundo contemporâneo, utilizando o pensamentos de autores como Stuart Hall e Zygmunt Bauman, abordando várias temáticas recorrentes da obra do poeta moçambicano, com ênfase em questões como a utopia, as identidades e a sensualidade.

Autor de *Objet a trouver* (1988), Virgílio carregou em toda sua carreira poética, a marca de sua terra natal, Moçambique, entretanto, misturou idiomas, culturas, sabores, tornou-se um poeta diapórico. Da moçambicana Ibo, à Ipanema carioca, passando por Lisboa ou Salvador, a imagem mais recorrente é a da utopia. Remetendo à afirmativa de Maurice Haubwachs de que mesmo a mais íntima lembrança individual não está totalmente desligada da memória coletiva (HAUBWACHS, 2006), pode-se afirmar que, a partir da ótica aqui explicitada, em sentido amplo, a utopia, em Virgílio, remete a algo fantasioso, ilusório, mas que encontra vazão no campo da memória individual em sua ligação inevitável com a memória coletiva.

Em Virgílio de Lemos, a temática (e a vivência) da utopia faz com que seus poemas ora se aproximem e ora se distanciem da Moçambique contemporânea, do terceiro milênio. O “locus” originário, a Moçambique dos tempos do cárcere, do engajamento poético, do namoro com o mar, com a Moçambique da utopia, ou mesmo com as nada utópicas moçambicanas, acompanha o velho poeta dos fartos bigodes e cabeleira branca. Misturada, oxigenada, talvez turvada pela ação do tempo, a utopia moçambicana está na África, na América, na Europa. Como se pode perceber, a utopia virgiliana é constituída por um forte teor de hibridez. Para lembrar dos estudos de Stuart Hall sobre a diáspora, poder-se-ia dizer que a utopia virgiliana sobrevive por ser impura, e por não levar ao pé da letra a questão da origem. Liv Sovik (2003, p. 19) afirma que

Stuart Hall examina os mitos de origem, sua necessidade e perigos quando levados ao pé da letra; pensa a África como elemento que sobreviveu e como meio de sobrevivência na diáspora, defende a hibridização ou “impureza” cultural enquanto a “forma em que o novo entra no mundo”

2 O corpo: a Moçambique utópica

Acrescenta-se, na trajetória diaspórica da utopia virgiliana, o fato de que a mesma não caminha sozinha, geralmente está acompanhada (ou amalgamada) por uma

sensualidade que aproxima o corpo das “ilhas” identitárias virgilianas do corpo feminino. Tecer-se-á, a partir daqui algumas reflexões acerca de alguns poemas de Virgílio, intentando ratificar e ampliar as afirmativas até aqui realizadas.

Inicia-se aqui – com a análise de um poema extraído de *Ilha de Moçambique: A ilha é o exílio que sonhas-*, a tentativa de demonstração de que há na poética virgiliana relativa às identidades uma aproximação da ilha de Moçambique à utopia e ao corpo da mulher moçambicana:

A ilha existe não porque a achasses
Mas porque a nomeias coração do vento
Capaz desse segredo vontade grega
De amar o que a alma intui e cria

E de tal modo ela seria e é desejo
Que tudo esqueço para vê-la nua
Devir do sentido no seu sentido vago
Louco amor agreste que a utopia apela

Na ausência de limite para o que sonhas
Vacilante avanço ágil mais sem asas
Sem medida luz do fragmentado verbo.

Rio e choro sendo máscara e rosto
Nomeado língua capaz do que não sei
Suspense o tempo do mar o incriado nasce. (...) (LEMOS, 1999c, p 11)

Esse soneto - aqui transcrito na íntegra por conter aspectos fundamentais dos poemas virgilianos-, que se denomina “Do mar o incriado nasce”, apresenta alguns dos elementos temáticos e a forma poética (o soneto) mais recorrentes da poesia virgiliana em sua fase propriamente moçambicana. A alusão a máscara e rosto, pelo eu-lírico, no primeiro verso do segundo terceto, pode remeter o leitor ao que o eu-lírico encena de si mesmo e o que, efetivamente, pensa ser. No primeiro verso do primeiro terceto o mesmo eu-lírico parece realizar uma visão prospectiva sobre a extensão que a utopia atingira na poesia do autor: não há limites para o sonho, para a utopia. No segundo verso do mesmo terceto há a afirmativa de que o eu-poemático “avança”, mas “vacilante”, “sem asas”. Entretanto, se sob a prisão e as censuras da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), criada em 1945, em Portugal, as asas da poesia virgiliana podiam ser cortadas, no exílio puderam crescer e ampliar seus horizontes. O poeta nasceu na Ilha de Ibo, em 1929. Cresceu e estudou entre Lorenço Marques e Joanesburgo. Juntamente com Rui Knopfli e José Craveirinha fundou Msaho, revista de poesia, em 1952, marcando uma forte ruptura

com a literatura colonial moçambicana e esteve preso por suspeita de subversão, referente à independência de Moçambique. É importante destacar que o país só se tornou independente em 1975, após a luta armada entre as forças da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e as Forças Armadas de Portugal.

A ilha é musa em dois sentidos: é o motivo mesmo de construir sua ilha utópica com palavras e de “erguer” efetivamente sua poética, a partir da articulação de elementos semânticos inerentes a Moçambique: ilha, mar, ondas, pedras. A nudez do corpo aponta para a vontade de desnudar a ilha real. O desejo que leva o eu-lírico a olvidar tudo para assistir a esse desnudamento, con-funde propositadamente o corpo da amada com corpo da ilha. Assim a utopia é ampliada no âmbito de um desejo sempre adiado, mas preservado. Sem a expectativa de um desfecho, “suspense o tempo do mar o incriado nasce” (LEMOS, 1999c, p. 12)

A utopia é formada por um arquipélago de desejos adiados que, no caso da poética virgiliana, se ancora no mar das palavras, como se pode observar no trecho citado abaixo do poema “Adora a vida”:

Ilha
que dorme na utopia
pródigo mito
da poesia (...) (LEMOS, 1999c, p. 12)

Entretanto, a utopia identitária virgiliana se enraíza em um continente cuja firmeza serve como contraponto paradoxal. O lirismo remete o leitor à questão da chave do enigma vital (a vida como ilha, como utopia). O próprio título do poema “E no corpo da mulher a vida se recria” aponta para o berço mesmo da vida enquanto *object à trouver* que foge e obriga o eu-lírico a procurar e “lócus” do ansiado (ou temido?) aconchego afetivo. Como afirma Américo Nunes (2000, p. 8),

Virgílio é um poeta romântico desencantado perdido neste século e nas cidades da nossa solidão existencial. O seu olhar frágil e transparente sabe captar o efêmero e a explosão do instante na quebra dos sentidos. Mas se o poeta nos fala com um amor desesperado de nossas cidades destruídas, ele é, antes de mais, o poeta da embriaguês dos oceanos e das ilhas, do atlântico ao Índico, sem esquecer as ilhas gregas do Dodecaneso

As diásporas são geralmente provocadas por um impasse. Por motivos de diversas naturezas, um ator social pode se ver obrigado a exilar-se. O exílio, em termos amplos, pode se dar em relação ao corpo: no suicídio; na fuga para as “ilhas” criadas por

alucinógenos: no vício; no distanciamento ou na ruptura da convivência social: a loucura e/ou a mendicância. Em Virgílio de Lemos, o exílio também se dá no corpo, mas aponta para a vida, para uma busca perene. Caso se queira retomar a ideia suicídio, ter-se-ia um suicídio fundado e/ou causado por dores, mas tais dores podem propiciar a convivência com o “incriado”, vindo do mar, lembrando aqui o título do poema “Do mar nasce o incriado”.

Stuart Hall, que tornou o termo diáspora notório nos estudos culturais, costuma classificar as identidades a partir da concepção de três sujeitos: o do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O primeiro se baseia na concepção de um indivíduo “centrado”, “unificado”; já o sujeito sociológico não reflete a autonomia, ao contrário se desenvolve em meio à “complexidade do mundo moderno”. De acordo com Hall (2011) “a identidade, nessa acepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público.” (p.12) O sujeito pós-moderno, que “é marcado por uma espécie de metamorfose perene de identidades, assume diferentes “faces”, em diversos momentos de sua existência. Tais identidades, portanto, não são unificadas em torno de um “eu” que age a partir de uma coerência esperável. Como afirma Hall (2011):

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (p13)

A noção de Diáspora, no sentido aqui estudado na obra poética de Virgílio de Lemos não se atrela à problemática das identidades nacionais, mas parte de um embate em relação à mesma. O poeta se vinculava a ideias e ideais políticos, sua “diáspora” também está ligada a perseguições, cárceres, censuras, mas o que se discute, aqui, entretanto, sem desprestigiar a temática da política nos estudos poéticos, se relaciona mais à visão cultural, ligada à problemática da identidade conforme é expressa por Stuart Hall (2003) em *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*: Portanto, “é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação”. (p.36) Se não se pode dissociar os motivos provocadores das diásporas, pode-se focar os resultados ou desmembramentos de tais provocações.

3 Viagens diaspóricas

Em poema dedicado ao Arpoador e a Ipanema o poeta diaspórico escreve:

é dentro do êxtase das ondas
se estremecendo
nas rochas, que teu silêncio
pulsa em mim e
ao desafio canta
coração inquieto
no espanto da linguagem (LEMOS, 1998)

Já não mais utilizando a forma fixa que marcou sua poesia propriamente moçambicana, o poeta retoma, entretanto elementos que podem remeter o leitor à sua utópica Moçambique, à poética Moçambique que se funde no êxtase das ondas que estremecem nas rochas. (LEMOS, 1998) O eu-poemático virgiliano, aqui, retoma sua peculiar prosopopeia. Sensualmente, as ondas partilham de um êxtase no contato com as rochas. A menção às rochas, após à afirmativa de tal êxtase, sendo ondas do gênero feminino, cria um clima que quase beira ao chulo, não fosse a aproximação do “espanto da linguagem”. No êxtase no contato com a rocha, das ondas, quem pulsa é o silêncio e não as rochas. Caso contrário a referência ao órgão genital masculino seria óbvia. O deslocamento de tal pulsação dá leveza ao que se tornaria, de outra forma, grosseiro. A fusão de elementos relativos ao mar, ao corpo feminino e à linguagem se assemelha à realizada nos poemas aqui, anteriormente comentados. A diáspora, enquanto temática se apresenta tão forte quanto a utopia. O Virgílio de Lemos já setentão observa o mar, no Arpoador, conhecido por sua bela visão da orla da Zona Sul carioca e, principalmente pelo posicionamento de suas pedras que, em uma de suas partes, limita os bairros de Ipanema e Copacabana. Já não é mais o Virgílio que se sente exilado de sua terra. Já é o Virgílio que se apropria de sua diáspora, que entende que o universo inteiro é sua terra (sem perder a ternura pelo lugar em que nasceu), tornando a si mesmo e aos seus poemas, cidadãos do mundo. Não se trata da identidade iluminista, nem a sociológica, como as definiu Stuart Hall, mas a identidade fragmentada, instável da pós-modernidade. O corpo do poema, embora carregue uma alma da Moçambique do tempo em que fundou a revista Msaho (1952), é agora composto por uma argamassa volátil própria da liquidez contemporânea, para lembrar Zygmunt Bauman. É como se o velho poeta tivesse apreendido as lições do também ancião Bauman, entendendo que o conhecimento armazenado da tradição não serve mais como instrumento fundamental para enfrentar os instáveis e fluidos mares da

contemporaneidade. (Bauman, 2007)

A atração pelo corpo feminino, mantido na mesma proporção da atração pelo corpo do mar e da poesia são reminiscências “poiéticas” da fase da “poesia sob repressão”, de Moçambique. Ibos, como diria Virgílio em suas conversas lítero-etílicas, não está mais tão distante. Na Bolonha parisiense, em seu programa na rádio, em Paris, ou na Bahia, na companhia de Jorge Amado, o poeta experimentava o renovado sabor da utopia. Nas mulatas e negras baianas ou nas “negras azuis” moçambicanas, cruzaram na poesia de Virgílio milhares de garotas de Ipanema diversas, em diversos versos. Mas no poeta também pulsou a solidão, como escreveu em Moçambique, em 1952 denominado Na solidão Azul, Utopia, atribuído ao seu eterônimo Duarte Galvão oferecido a Lee Yang, seu heterônimo feminino:

(...) Na solidão azul
Talvez bruma
Dos murmúrios do mar,
Incomunicável
Noite branca
Amante nua que
passa,
no branco da bruma
textual
da poesia ,
Dançante e musical
Solidão azul
UTOPIA

Nessa poesia que, explicitamente remete à temática da utopia, o eu-poemático reitera a utilização da prosopopeia. O mar murmura, a noite é amante. É interessante perceber que o poema se constitui enquanto exposição de sensações e que quem dá algum sentido a ele é exatamente a palavra grafada em caixa alta UTOPIA. A ausência de um verbo que oriente o texto expõe o leitor a uma interpretação, não de ações, mas de sensações. Embora personificados, os substantivos presentes no texto não assumem posição de sujeito. A palavra Utopia, em maiúsculas tenta organizar o caos aparente da ausência de uma atitude clara por parte do eu-lírico. Partindo da UTOPIA, do fim, o poema todo passa a ter sentido, pois é ela o sujeito que paira, ora ocultando-se, ora apresentando-se explicitamente, personificando-se, tornando-se máscara que se mostra enquanto objetos, paisagens e sensações personificam-se.

4 A obra e seu criador

“Carioca” de Ibo, moçambicano de Paris, baiano de Portugal, o Virgílio contemporâneo é o poeta dos bares e orgias de línguas e aconchegos de versos e prosas, aos moldes dos flâneurs e boêmios re-tratados por Walter Benjamin, ao estudar a obra de Charles Baudelaire. Como afirma Benjamin: “Ainda se apreciavam as galerias onde o “flâneur” se subtraía da vista dos veículos que não admitem o pedestre como concorrente. (BENJAMIN, 1991, p.50) Mais boêmio (conspirador) (Benjamin, 1991) que flâneur, Virgílio de Lemos carregava, já na modernidade de seus primeiros versos publicados em Moçambique, elementos que só muito mais tarde, mais propriamente na atualidade, tornar-se-iam mais palatáveis aos leitores, pois a imagem do nativo que deixava efetivamente o lugar em que nasceu era geralmente entendido como uma espécie de traidor. Isso se devia às ideias sobre a identidade relacionadas ainda à tradição inerente à herança dos tempos de vigência dos Estados Nacionais.

Tornaram-se bem frequentes, nas primeiras décadas do terceiro milênio, por parte de Virgílio, a criação de poemas que investem em forjar espécies de “caricaturas afetivo-poéticas” de suas musas (também diaspóricas). São pessoas com as quais trava contato e explora nuances de versos, diversas, dotando seu texto de um sabor que se embasa numa misteriosa maneira de decifrar com palavras aqueles que com ele travam amizade ou a paisagem que é tomada como ponto de partida. Assim, nasceram poemas-dedicatórias que, nem sempre tratam diretamente da pessoa mencionada, mas que apontam para a inspiração provocada por ela ou pela afinidade da mesma com o tema, como, por exemplo o que dedica a Regina da Rocha (Lemos, 1998b):

entre a ficção e o real
mar de incertezas
o desejo rasga
o infinito e
na origem morre.
O grito

Uma inscrição que é, propositadamente, exposta abaixo do poema aponta para a data, a hora, o local e para o assunto trabalhado: (Ipanema 30/08/98) – 2 horas da manhã, pela janela do Hotel “Arpoador Inn” olhando o Arpoador à esquerda e a favela “A

rocinha”, do lado oposto, com luzes brilhando. Como se pode observar, o poeta faz questão de criar um suporte para orientar seu leitor. Não se trata de uma anotação apenas pessoal. Tal inscrição intenta não deixar o leitor à deriva, ou se desviar da reflexão proposta pelo poeta. Seguindo a esteira da discussão sobre a diáspora moçambicana, vê-se que o eu-poemático metaforiza aspectos que luzem no olhar do poeta, enquanto a inscrição enquadra o poema em um “lócus, em um tempo, em uma intenção poética”. Trata-se de um poema criado a partir da comparação da beleza oferecida pela natureza e os problemas das grandes cidades. Embora fixe o local, o mesmo é mais mediador que objeto do poema e poderia ter ocorrido em qualquer outro lugar do planeta onde haja desigualdade social. O mar de Ipanema e as pedras do Arpoador dão ao poema um toque de harmonia e leveza, enquanto as luzes da favela fazem reluzir a existência de problemas, ao mesmo tempo distantes e próximas do eu-lírico. O sujeito que escreve está na janela de um hotel confortável, de frente para o mar, em um local próprio para turistas, mas seu olhar aproxima antagonismos, dialoga com as diferenças, percebendo sua posição nessa viagem reflexiva.

Conclusão

Como se tentou demonstrar, ao longo do presente artigo, Virgílio de Lemos cria, na contemporaneidade um conjunto de poemas que dialogam com aqueles escritos no período em que, vivendo em Moçambique, tinha suas obras censuradas pela PIDE e se envolvia mais diretamente com a cultura de seu país. Exilado, o autor de *Negra Azul* desligou-se fisicamente de sua terra Natal. Tornou-se um jornalista e poeta na França, constitui família nesse país, mas o que o trabalho aqui apresentado intentou demonstrar foi que, mesmo se afastando da forma fixa que o tornou conhecido em seus primeiros escritos, vivendo como um francês e tratando de temas relativos a locais distantes das ilhas africanas, Virgílio de Lemos fez de sua diaspórica caminhada uma temática rica em nuances poéticas que, de várias maneiras, o ligam a Moçambique.

O (a)mar, as pedras, as ondas, as vagas, confundindo-se propositadamente com o corpo feminino tornaram-se companheiros de viagem. Poemas e autor navegaram em mares de versos, mas carregaram e carregam Moçambique através do veículo da Utopia. Para lembrar, novamente, Stuart Hall, afirma-se que a identidade do iluminismo é dissolvida, na poética virgiliana, mas não perdida na diáspora pós-moderna que caracteriza a identidade da poesia desse poeta moçambicano. Auto-intitulando-se barroco - o que pode

ser ratificado pelas figurações das dualidades e nas hiperbólicas aparições de sensações que ficam à flor da pele do texto, propiciadoras da própria argamassa da também autoproclamada utopia -, o poeta cria, por essa mesma via uma forte ligação com a pós-modernidade. A dualidade barroca amplia-se, fragmenta-se. E os elementos barrocos se fundem em um ecletismo repleto de afetividades. A Moçambique do passado não é resgatada. A memória não o traz de volta, mas permite recriações de Moçambiques de versos, em ilhas, arquipélagos de utopias, na vertente barroca da pós-modernidade. Memória individual e memória coletiva, efetivamente, se fundem dando ensejo a uma poesia com sotaques vários, cuja hibridez cria uma tradicional e moderna linguagem poética. A utopia é também, em Virgílio, estratégia ficcional que o acompanha e acompanha seus poemas em uma diáspora identitária rica em aventuras textuais e biográficas. Um pouco dessas aventuras, tentou-se apresentar aqui.

Referências bibliográficas

- 1] BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.
 - 2] _____. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
 - 3] BENJAMIN, Walter. Paris do segundo Império. In: *Walter Benjamin. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Emerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1991.
 - 4] HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adilaine La Guardia Resende [ET. Al]. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
 - 5] _____. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. RJ DP&A, 2011.
 - 6] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006
 - 7] LEMOS, Virgílio de. LEMOS, Virgílio de. *Para fazer um mar*. Maputo: Instituto Camões/Centro Cultural Português, 2001.
 - 8] _____. *Objet à trouver*. Paris: Éditions de La Différence, 1988a.
 - 9] _____. *Poemas Brasil*. Rio de Janeiro (mimeo), 1998b.
 - 10] _____. *Ilha de Moçambique. A ilha é o exílio do que sonhas*. Maputo, AMOLP, 1999a.
 - 11] _____. *Negra Azul: retratos antigos de Lourenço Marques de um poeta barroco, 1944-1963*. Maputo: Instituto Camões – Centro Cultural Português, 1999b.
 - 12] _____. *Eroticus moçambicanus: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944 / 1963)*. SECCO, Carmen L. T. R. (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Faculdade de Letras, UFRJ, 1999c.
- SECCO, Carmen L. T. R. *O mar, a ilha, a língua: A vertigem da criação na poesia de Virgílio de Lemos*. In 6º Congresso da Associação Internacional dos Lusitanistas (AIL).
- SOVIK, Liv. Para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e*

mediações culturais. Trad. Adilaine La Guardia Resende [ET. Al] Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

ⁱ Autor:

Idemburgo, FRAZÃO – Professor Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ
Universidade do Grande Rio José de Souza Herdy (UNIGRANRIO)
Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas (PPGLCH)
idfrazao@uol.com.br